

A FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO NO CURSO DE GESTÃO AMBIENTAL DO IFPE – CAMPUS RECIFE

Eurico Bezerra Calado Neto (1); Magna do Carmo Silva CRUZ (2)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Av. Professor Luiz Freire, 500, Cidade Universitária, Recife – PE, euricocalado@hotmail.com

(2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Av. Professor Luiz Freire, 500, Cidade Universitária, Recife – PE, magna_csc@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho concerne a uma pesquisa desenvolvida no IFPE- Campus Recife, sobre como o curso de Gestão ambiental do Instituto contribui para a formação do sujeito ecológico preconizado por Isabel Carvalho (2008). Sendo o IFPE - Campus Recife um núcleo formador de gestores ambientais, interessa constatar a potencialidade do curso oferecido pela instituição para formar sujeitos ecológicos, imprescindíveis para a realização das mudanças sociais necessárias. Trata-se de uma pesquisa de campo qualitativa, realizada por meio de entrevista direta com alguns alunos do segundo módulo do curso de gestão ambiental do turno da tarde. A problemática ambiental é concebida como consequência das deficiências na relação antrópica com o meio ambiente, e principalmente, na relação dos homens entre si. Destarte, o sujeito ecológico assume papel crucial no processo de transformação da sociedade, mas sua formação não deve afastar-se de ambientanismos ingênuos. Foi constatado que o IFPE – Campus Recife contribui significativamente para a formação do sujeito ecológico, mas que precisa dar mais ênfase em alguns aspectos importantes para essa formação, uma vez que não se trata apenas da formação profissional, mas também na transformação pessoal dos egressos.

Palavras chave: Sujeito ecológico, meio ambiente, Educação Ambiental.

1. INTRODUÇÃO

A crise ambiental tem se agravado com o passar das décadas, e os assuntos referentes ao meio ambiente conquistaram mais espaço nas discussões políticas. No entanto, a indolência do Estado e sua sujeição ao meio corporativo, evidenciam que a mudança no paradigma vigente não advirá só da esfera política e suas instituições públicas, mas da própria população quando esta se dispuser a mudar a realidade e se impor à força coercitiva dos grupos hegemônicos. Nesse contexto, surge o ideal do sujeito ecológico como ator social que deverá sustentar os valores e crenças necessárias que irão suscitar a utopia de uma sociedade ecológica. Contudo, a sociedade ecológica idealizada não consiste apenas na apropriação racional dos recursos naturais garantindo os mesmos às gerações futuras (conforme preconiza o discurso da sustentabilidade), isso não seria mais que uma mudança na cultura material da sociedade. Ela se fundamenta sobretudo no modo de inter-relação humana, posto que não é possível haver sociedade ecológica se esta não estiver em consonância com o universo de pessoas que a constrói através de interação mútua. O IFPE – Campus Recife é um núcleo de formação de gestores ambientais, que terão como função atuar para combater os diversos problemas do meio ambiente. Destarte, surgiu o interesse em saber de que forma o Instituto pode contribuir para formação do sujeito ecológico através do curso de Gestão ambiental. Para isso, investigou-se qual a representação que o meio ambiente tem para os participantes da pesquisa, buscando também compreender como estes concebem a problemática ambiental, identificar como o curso de Gestão ambiental pode influenciar no comportamento e perspectivas futuras dos mesmos, e de que modo pretendem contribuir com o meio ambiente enquanto gestores.

Os participantes da pesquisa são seis alunos do segundo módulo do curso de Gestão ambiental do IFPE – Campus Recife, pois é de interesse da pesquisa entender o processo de formação do sujeito ecológico no Instituto desde os módulos básicos do curso, ou seja, o alicerce dessa formação. Para isso, foi realizada uma

pesquisa mediante entrevista audiogravada com os participantes, no intuito de atingir as metas estabelecidas pelo objetivo geral e pelos objetivos específicos da pesquisa. Neste trabalho é apresentado o resultado das análises feitas sobre os dados obtidos.

2. MEIO AMBIENTE: O ABSTRATO E O CONCRETO

A cosmovisão dos nossos ancestrais mais remotos plasmou-se através da imaginação e das manifestações oníricas (as pinturas rupestres e os rituais feitos antes da caça no paleolítico, o culto às divindades antropozoomórficas dos egípcios, e o politeísmo de vários povos expressam bem isso). O homem não compreendia os fenômenos naturais e tentava explicá-los por meio de fábulas e mitos. Essa característica foi comum a muitas civilizações e ainda subsiste na cultura atual em diversas partes do mundo (o esoterismo, a pluralidade de religiões, o folclore, e outras manifestações culturais). Mas no que consistem as fantasias da imaginação? Pode-se reputar as fantasias como um encantamento do mundo promovido pela consciência; vislumbra-se ao que ocorre nas emoções, tal qual explanou Sartre (2009), com a diferença que estas últimas são involuntárias, e as fantasias incidem consoantes uma disposição volitiva, elas dizem respeito a uma fusão entre o devaneio e a realidade. Contudo, este devaneio é dirigido, é um sonhar acordado “ministrado pela consciência que objetiva implementar uma espécie de magia ao mundo das coisas” (Sartre, 2009), em consequência de um deslumbramento do ser humano perante a majestade cósmica. Nestes tempos (os mais remotos), a sublimação do abstrato preponderava sobre o concreto. Como explicar esse deslumbramento? Seria ele rebento da laicidade de uma época em que havia pouco avanço científico? Considerando que assim seja, como depreender que o cientificismo não tenha derrocado essas manifestações (apesar de tê-las enfraquecido), posto que isso ainda ocorre hodiernamente? Se isso fosse justificado pela falta de conhecimento, o avanço científico o teria dissipado; mas contrariamente a isso, mesmo os cientistas que se consideram céticos, experimentam um encantamento perante a magnificência da natureza (quando se está diante de uma bela paisagem natural, por exemplo). Não é o objetivo aqui enveredar por um estudo mais aprofundado do assunto, o que se quer é despertar a atenção para a sensibilização que a natureza opera psicologicamente. O fato é que o ser humano sempre foi atravessado em seu ser pela magnitude do meio ambiente, como um feixe de luz que atravessa a escuridão da brutalidade materialista e toca a sutileza dos sentimentos até nas pessoas mais endurecidas, apesar dessa reação poder ocorrer distintamente nessas pessoas, porque estaria contextualizada com base na cosmovisão delas.

Entrementes, a racionalidade científica e o empirismo do século XVII transformaram a visão que se tinha da natureza, e o mundo passou a ser entendido como não mais que um complexo de utensílios sujeitos aos caprichos da humanidade. O racionalismo científico não concebia como verdadeiro nada que não pudesse ser explicado pela razão e o empirismo denegava os aspectos subjetivos da cognição. Tais ideologias contribuíram para a acentuação do sentimento antropocêntrico, fazendo o homem sentir-se senhor da natureza. A magia fenomenológica do desconhecido definhou gradativamente tendo menos efeito sobre a consciência. Os mitos originados pelo encantamento cósmico passaram a serem lembrados como uma fase de ingenuidade cativada (à guisa de lembrança remanescente de uma consciência afetiva). Nesse período teve início a sobreposição do concreto sobre o abstrato, todavia, essa imposição da visão concretista não suprimiu a coexistência do abstrato, apenas se impôs a ele, mas ambos sempre coexistiram. Porém, a supervalorização do concreto contribuiu para a formação do paradigma global vigente.

A presunção de que o homem pode arrogar dos recursos do planeta e submetê-los aos seus caprichos tornou-se a premissa que acentuou o endurecimento e a insensibilidade, onde se pode observar sua forma mais expressiva no desenvolvimento do capitalismo. Mas o capitalismo é uma via dupla, e os vieses deletérios que ele percorre também encerra potencialidades para soluções dos problemas que ele mesmo cria. Devido ao extremo da imprudência na intervenção humana sobre a natureza, causado pela unilateralidade da cosmovisão científica, ressurgiram os valores abstratos que em grande parte haviam sido sufocados; a exorbitante degradação do ambiente natural levou à revalorização do meio ambiente, que passou a ser visto não só como o cenário onde a humanidade viceja, mas como parte essencial de um sistema integrado que precisa estar em equilíbrio para garantir a imanência da vida no planeta, apesar das pessoas negligenciarem esta realidade.

Essas proposições tiveram o intento de poder dar uma melhor explanação do que é o meio ambiente, que pode ter seus estudos referidos como campo ambiental. Pode-se considerar campo ambiental tudo que faz parte da

realidade humana. Não só o ambiente natural que constitui a morfologia geográfica de um território, não só o espaço urbano juntamente com a sociedade, e o sistema político-econômico que rege um país e o mundo, e nem somente a soma de todas essas coisas. São também as potencialidades inerentes ao universo de pessoas, porque a realidade se constitui como projeção desse universo, que tem seu ponto axial nas relações intersubjetivas. Segundo Leff (2006), arraigar a sustentabilidade em novos territórios de vida implica, construir novas epistemologias e ontologias, gerando estratégias do saber para enfrentar as estratégias do conhecimento, que açambarcaram os saberes e as práticas de seres culturais diferenciados que habitam um planeta biodiverso. Nesse aspecto a cultura desempenha um papel de grande relevância, pois ela é a mais alta expressão do espírito humano. Essas noções indigitam para a urgência de um novo paradigma, que precisa ser edificado em equilíbrio com o concreto e o abstrato sintonizados com a realidade humana. Não é suficiente pôr a sociedade em pauta no discurso ambiental se ela for tratada de maneira pragmática, é preciso incorporar todos os aspectos do comportamento humano, inclusive, os psíquicos. A unilateralidade culmina em detrimento do bom senso. No demasiado abstrato, inebria-se numa vida contemplativa, repleta de misticismo, que encerra o ser humano numa opacidade introspectiva, enquanto que no demasiado concreto, a tendência é de alienar-se na hebetude intelectual e ficar enviscado numa realidade paraplasmática. Não se deve compreender o meio ambiente sem levar em consideração as relações homem e natureza, homem e homem, e homem consigo mesmo.

No âmbito epistêmico, há ainda falta de solidariedade entre as ciências, que persistem na emulação pela predominância e totalidade do conhecimento racional, quando poderiam completar-se mutuamente. Não será jamais possível compreender a complexidade ambiental enquanto subsistir a segregação de saberes, pois todos os conhecimentos (e isso abrange também o saber popular) devem interagir entre si num processo dialógico em busca da melhor maneira de enfrentarmos a crise ambiental em voga. Mas a convergência do Saber humano em prol do meio ambiente não é uma tarefa que encarrega e privilegia a esfera científica, pois os enigmas da natureza não podem ser todos elucidados pela ciência, e são aí onde os aspectos simbólicos que tramitam entre o objetivo (concreto) e o subjetivo (abstrato), e que são inerentes a todas as culturas, vêm acrescentar ao campo do conhecimento o que a cientificidade não é capaz de lograr sozinha. Para Jaspers (1973), os enigmas constituem uma linguagem da transcendência, que nos chega como linguagem de nossa própria criação. Ainda conforme a concepção dele, os enigmas são objetivos, porque neles o homem percebe alguma coisa que lhe vem ao encontro; e são também subjetivos, porque o homem os cria em função de suas concepções, pensamentos, e poder de entendimento. No decorrer da odisséia humana desenvolveram-se inúmeras correntes de pensamento; muitas tiveram por fito desvelar o fenômeno humano e o mundo, entretanto, nenhuma delas foi suficiente para penetrar todos os mistérios encobertos pela criptologia do cosmos e sua relação com a existência do homem. Primeiro porque a natureza não é um todo estagnado, está sempre em mudança através de um processo dinâmico de organização, desorganização e reorganização (MORIN, 2007), que sempre se afasta da sua condição originária, e não deixa o itinerário completo de seu processo de metamorfose. Segundo porque o ser humano é tão complexo quanto a natureza, senão mais, e ambos não podem ser inventariados pela ciência, nem ter seus mistérios desvelados por qualquer crença espiritualista. Por isso, é preciso que haja conciliação entre a díade cósmica e sua interação com a realidade existencial humana.

Importa salientar, porém, que a conciliação preconizada entre abstrato, concreto, e sua relação com o mundo de pessoas, não reduz tudo a um monismo ontológico ou qualquer determinismo evolucionista. Ao contrário, a resolução da problemática ambiental demanda participação humana, daí a relevância da conscientização das pessoas nesse processo. A premissa dessa proposição não consta no risco humano de extinção genérica da espécie por flagelos naturais – um grande meteoro poderia eventualmente chocar-se com a Terra e promover o mesmo resultado – mas no fato de que foi pelas pessoas que o problema encetou e se desenvolveu, e não será um vaticínio escatológico maniqueísta, nem um suposto evolucionismo social natural que determinará o desfecho da história que estamos construindo.

3. O SUJEITO ECOLÓGICO

Segundo Isabel Carvalho (2008), o sujeito ecológico é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica. A palavra utopia que se encontra na definição, não deve ser vista de forma pejorativa. Entenda-se por utopia, o norte das ações do homem que

nada poderia fazer se não tivesse idealizado previamente. “A utopia é aquele conjunto de projeções, de imagens, de valores, e de grandes motivações que inspiram práticas novas e conferem sentido às lutas e aos sacrifícios para aperfeiçoar a sociedade” (BOFF, 2002, p.98). O conceito de sujeito ecológico norteia para um ideal de ser, um modelo diferente de plasmar a realidade; sinaliza para uma convocação que não deve ser negligenciada, porque não é um ato de caridade, e sim, de responsabilidade. É a via que pode arrebatá-la a pessoa da vida vegetativa (concebida às vezes como vida normal) para o ímpeto das potencialidades da pessoa. Mas o conceito não deve se revestir de um caráter utilitário, porque não é uma ferramenta disponível, seria converter o ideal em pura técnica. Este ideal é uma invocação, e não um instrumento a ser utilizado num sistema complexo de utensílios. Mas comprometer-se com o ideal do sujeito ecológico não se resume ao ativismo ou a adoção de atitudes naturalistas, pois é preciso ir além disso para que exista uma sociedade plenamente ecológica. Consideramos como fundamental para a formação do sujeito ecológico que se compreenda o valor da participação na mudança, e a necessidade da reconstrução dos valores. Faremos uma análise sobre esses pontos.

3.1 O sujeito ecológico como ser participante

Participar não significa estar presente, os demais objetos que nos circundam não participam da vida enquanto estejam nela. Toda pessoa que se ausenta da responsabilidade coletiva vislumbra-se a um objeto móvel. Participar no contexto que trazemos, diz respeito à atitude cooperativa, à assunção voluntária e consciente do compromisso com o progresso, imprimindo discretamente a dignidade de sua conduta em todo lugar onde se fizer presente. Contudo, essa dignidade não assenta na pretensão de uma perfeita moralidade, mas no reconhecimento da falibilidade humana e na luta incessante e silenciosa do homem com ele mesmo. O sujeito ecológico deve ter em mente que a cultura consiste num compartilhamento de idéias e de atitudes que se constroem umas das outras, e precisa zelar por elas. “[...] os indivíduos se fazem uns aos outros, tanto física como espiritualmente, mas não se fazem a si mesmos [...]”. (ENGELS & MARX. 1987, p.55). Parece simplório sugerir a assunção desse compromisso, visto que há muita gente vivendo em adversidade, e que pouco ou nada se importa com tal causa, já que tem coisas mais importantes para se preocupar, como assuntos relativos à própria subsistência (comer, vestir-se, trabalhar, cuidar da família). Todavia, não se solicita a um cego que contemple uma obra de arte, ou a um mudo que cante; só se fazem requerimentos àqueles suscetíveis de correspondê-los, esses incitarão outros, e assim sucessivamente. “Uma vez que o homem resista à totalidade da sua época, que a faça deter à porta, e a obrigue a prestar contas, isso exerce forçosamente influência. [...]”. (NIETZSCHE, 2007, p.127).

A falta de participação das pessoas consta mais no amor a si mesmo que na falta de condições psicológicas, ou de esclarecimento. Não há quem nunca tenha sonhado um dia em viver num mundo melhor, mas a maior parte do contingente não se dispõe a contribuir para isso. Só é oferecido de si o que lhes exige pouco esforço. O medo de aventura-se em busca do novo não os permite desvencilhar-se do atavismo que continua ecoando na história. Ficam envidalhados na certeza do imediato por receio de se arriscarem nas possibilidades do futuro. Buscam avidamente por um meio de se garantirem numa realidade palpável, sem se darem conta que a perpetuação dessa mesma realidade é uma prisão sem muros, e que não os deixa menos vulneráveis aos riscos do devir. Costuma-se criticar os estadistas, as pessoas jurídicas, a elite, como se estes fossem seres heterogêneos e perversos, responsáveis por todo mal da sociedade. Não se percebe que se trata de pessoas semelhantes àquelas que constituem as massas, e apresentam nuances quanto aos defeitos e qualidades que possuem; e mesmo se houvesse uma ditadura do proletariado como pretendia Engels e Marx (1987), as mudanças que ocorressem seriam apenas na configuração da tessitura social, mas não cessariam os conflitos porque suas raízes emergem das deficiências morais humanas. A maior dificuldade em encontrar os caminhos para mudança social, reside em as pessoas lançarem-se num ponto de vista que não as incluem, a não ser como vítimas. Para além disso, mudar demanda coragem, não só diante da incerteza quanto ao futuro, mas também perante os preconceitos sociais. É uma renúncia de si que remete ao encontro consigo. Num grupo social, geralmente, só são aceitas mudanças triviais, aquelas que não ameaçam a estabilidade dos valores instituídos e hierarquizados. Toda diferença que apresente um caráter insólito constitui um risco para as mentes conservadoras. Por recearem não serem aceitos, muitas pessoas se entregam ao peso da normatividade dos costumes, e se dissolvem na heteronomia de uma vida ditada. Impressiona como as pessoas expõem mais ao risco seus próprios corpos que as representações de si. Não

entendem que é impossível vencer a força imperativa de uma tendência sem propugnar, e não se sai do combate sem ferimentos. A vitória é prerrogativa dos que se lançam na batalha.

3.2 A reconstrução dos valores

Toda cultura se desenvolve sob valores e crenças, que moldam a forma de pensar daqueles que estão inseridos nela, isto é, constitui suas ideologias. Chauí (2000), define a ideologia como um corpo sistemático de representações e de normas que nos “ensinam” a conhecer e agir. Na visão de Marx a ideologia tem um sentido pejorativo, como algo que distorce a realidade e nos aprisiona na alienação. Outros pensadores como Mounier (2004) e Ricoeur (2008), a concebem de outra forma. O primeiro considerava que sempre se incorre em alguma forma de alienação, e que a única forma de se subtrair a isso seria ter conhecimento cabal do mundo e de tudo que há nele. Para o segundo, não há como eludir da ideologia, pois, mesmo o pensamento mais racional, consiste num conjunto de idéias desenvolvidas, isto é, uma ideologia. Consideremos um pouco da visão de cada um, uma vez que não poder alijar-se de qualquer forma de ideologia, e que mesmo que esta possa conduzir a uma ilusão nefasta, não condena o indivíduo ao aprisionamento num dado conjunto de idéias. Esta questão é de extrema importância, porque as pessoas dificilmente inquiram suas próprias idéias, ou buscam fundamentação lógica na origem dos valores que adotaram, mas parecem aderir cegamente a tais valores de forma que estes não se constroem sob reflexão. Chauí (2000) salienta que as idéias deveriam estar nos sujeitos e acompanhar-lhes nas suas relações, mas na ideologia (no sentido pejorativo), são os sujeitos que parecem se encontrar nas idéias. É nesse sentido que a ideologia constitui uma ameaça, porque pode favorecer a cultura de massas, fazendo com que os sujeitos passem a enxergar como natural, uma realidade artificial minuciosamente planejada.

De acordo com Gadotti (2000), o capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas por felicidades vendidas ou compradas. Conforme, na maioria das vezes, as pessoas tentam permutar os bens gratuitos pelas “maravilhas” da modernidade, como foi apontado por Santos (2007), no caso de algumas formas de migrações, que nem sempre tem como causa a dificuldade econômica, mas a falta de acesso ao consumo. As verticalizações, bem como os aparatos tecnológicos e as novas opções de lazer (que exclui aqueles que não dispõem de condições econômicas para usufruí-las), faz com que a maioria do contingente populacional esqueça das gratuidades da natureza que ainda podem ser logradas. O sentido da vida é impregnado pela lógica do mercado, onde só adquire valor aquilo que pode ser cifrado; os ideais de vida converteram-se em pura mimese da felicidade simulada nas telas do cinema e da TV; o conhecimento não tem outra finalidade a não ser conquistar um espaço no mercado de trabalho e angariar altos salários; atrela-se o valor de cada pessoa pelo status (que não é só o econômico) que esta apresenta. Todos esses problemas se esteiam e perpetuam pelo fato de as pessoas insistirem em adaptar-se a essa realidade em vez de tentarem mudá-la. A soberania popular se esboroa em núcleos de reciprocidades que se tecem em continência aos ditames de uma ordem que lhes é estranha, conquanto aceita, segregando os atores sociais e esmaecendo seu poder de transformação. Santos (2007), afirma que a força da alienação advém da fragilidade dos indivíduos quando estes apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une. Faz-se necessário que se construam novos valores, que se busque pensar o impensado, que se partam os grilhões dessa cadeia ideológica, e que se formem mais indivíduos autônomos, ao invés de autômatos. Para reconstruir novos valores, o sujeito ecológico precisa ter senso de compromisso, e este deve se firmar na incumbência que a vida delega a todos que estão nela.

4. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e cuja temática se refere à formação do sujeito ecológico. Este tipo de pesquisa foi escolhido porque consiste numa abordagem fenomenológica e interpretativa, o que o torna mais apropriado para atender aos objetivos buscados na pesquisa. A pesquisa está sendo realizada na própria instituição e tem como participantes seis alunos do segundo módulo do curso de Gestão ambiental do turno da tarde. Estes foram escolhidos aleatoriamente entre homens e mulheres, e o referido módulo teve preferência porque ainda consiste na fase incipiente do curso, permitindo que se conheça o processo inicial dessa formação. Quanto ao turno, este foi escolhido porque oferece maior facilidade de contato e interação com os participantes. Para preservar a identidade destes, a referência aos mesmos será feita em relação à ordem numérica das entrevistas (primeiro entrevistado, segundo entrevistado, etc.). Foi garantido aos participantes o sigilo quanto às respostas.

Os procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa foram a entrevista não estruturada como instrumento de coleta de dados, sendo esta audiogravada com auxílio de roteiro (em anexo), e análise de conteúdo como instrumento de análise dos dados obtidos. De acordo com Richardson (1999), na entrevista não estruturada, que ele também designa como “entrevista em profundidade”, o pesquisador visa apreender do entrevistado as suas descrições da situação em estudo, através de informações detalhadas que possam ser utilizada em uma análise qualitativa. Segundo o autor, a entrevista não estruturada pode ser utilizada com várias finalidades, das quais nos interessaram: obter informações do entrevistado, seja de fatos que ele conhece, seja de seu comportamento; e conhecer a opinião do entrevistado explorando suas atividades e motivações. As perguntas elaboradas para a realização da entrevista correlacionaram-se com cada objetivo específico respectivamente.

Quanto à análise de conteúdo, Bardin (2010) explana que este instrumento de análise de dados busca desvelar aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. Dentre as técnicas de análise de conteúdo propostas pela autora, foi utilizada a “análise da enunciação aplicada à entrevista não diretiva”, que se baseia na lógica própria do entrevistado, e visa apreender ao mesmo tempo diversos níveis imbricados no discurso dos participantes. Para facilitar o procedimento, foi feita a catalogação dos dados apreendidos, que possibilitou fazer um paralelo entre as respostas auferidas dos participantes (que foram transcritas integralmente para a efetuação da análise), a revisão de literatura, e os objetivos almejados. A catalogação dos dados foi feita mediante a categorização destes dados de acordo com os objetivos específicos; análise exaustiva dos dados com base nas teorias abordadas; e escrita dos resultados procurando compreender a aproximação e distanciamento entre eles.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da análise dos dados obtidos nas entrevistas serão apresentados resumidamente na ordem dos respectivos objetivos específicos, ficando para o final a discussão geral sobre as respostas dos participantes.

1. Com base no primeiro objetivo específico, que consiste em compreender o que o meio ambiente representa para os participantes, a análise das respostas referentes às perguntas sobre a concepção de meio ambiente dos entrevistados e o que eles consideram zelar pelo meio ambiente, obteve-se:

A primeira participante considerou que o meio ambiente é o espaço percebido pelo homem e que zelar por ele é usá-lo de modo sustentável e educar as pessoas através das ações. O segundo, terceiro e quinto participantes deram respostas análogas. Para eles o meio ambiente é tudo que envolve o homem e a natureza, e consideram que zelar pelo meio ambiente implica em cada um buscar fazer sua parte, dentro e fora de casa. A quarta participante concebe o meio ambiente como o conjunto dos fenômenos percebidos, das experiências vividas e das ações realizadas no cotidiano; considera que zelar pelo meio ambiente é ajudar a formar opiniões compartilhando informações. O sexto participante considera que o meio ambiente é tudo que tiver vida e envolver o homem e a natureza. Para ele, zelar pelo meio ambiente é usá-lo de modo sustentável.

2. Quanto ao modo como os participantes compreendem a problemática ambiental, que diz respeito ao segundo objetivo específico, os entrevistados foram questionados sobre o modo como concebem os problemas do meio ambiente, e o que consideram como causa principal. As respostas foram:

A primeira participante entende a problemática ambiental como resultado da falta de consciência e de mobilização das pessoas na sociedade, paralelamente à influência da cultura de massas. Ela acha que o governo é o maior culpado por não dar exemplo. O segundo participante acha que a crise ambiental é consequência de um ciclo natural do planeta, mas que foi agravado pelas ações antrópicas. O homem para ele é a maior causa. O terceiro, o quinto, e o sexto participante, concebem a problemática ambiental como consequência do modo de produção capitalista e de fatores culturais; eles consideram o capitalismo a principal causa. A quarta participante considera que a crise ambiental é fruto da negligência diante dos fatos. Segundo ela, a degradação já era evidente e foi ignorada. Para ela, igualmente ao terceiro, quinto e sexto participantes, o capitalismo é a principal causa.

3. No que concerne ao terceiro objetivo específico, que busca investigar como o curso de Gestão ambiental pode influenciar no comportamento e perspectivas futuras dos discentes, perguntou-se se o curso já operou alguma mudança no comportamento dos entrevistados, o que eles esperam em relação à continuação do curso, e se acham possível reverter o quadro da crise ambiental ainda que a longo prazo. Obtiveram-se as seguintes respostas:

A primeira participante afirmou que desenvolveu maior senso crítico, e que vive monitorando seu comportamento em relação ao meio ambiente. Ela espera que o curso enfatize mais a importância da fauna e tem poucas esperanças quanto à reversão da crise ambiental. O segundo participante disse que com o curso adquiriu maior esclarecimento e busca fazer sua parte até nas mínimas coisas. Espera da continuação do curso que adquira mais conhecimento e esclarecimento sobre a problemática ambiental. Ele não acredita que seja possível reverter o quadro, mas que se pode estagnar a situação. O terceiro, a quarta, o quinto, e o sexto participante, disseram que desenvolveram maior senso crítico e compreensão sobre os problemas ambientais. Eles esperam da continuação do curso, que possam se tornar bons profissionais para conquistar espaço no mercado de trabalho e contribuir com o meio ambiente. Quanto à possibilidade de reversão da crise ambiental, o terceiro participante, tem poucas esperanças. A quarta participante acha que o quadro será revertido no futuro quando o agravamento da situação tocar a consciência das pessoas. O quinto participante acha que é possível e que é tarefa dos gestores ambientais contribuir para isso. O sexto participante acha que é impossível, mas que se pode amenizar o problema através de mudanças na política.

4. Em relação ao quarto objetivo específico, que pretende compreender de que forma os participantes esperam contribuir com o meio ambiente enquanto gestores, as respostas dos entrevistados foram:

A primeira e o segundo participante esperam contribuir buscando influenciar as pessoas através das ações. O terceiro participante pretende usar os conhecimentos adquiridos para ajudar nas tomadas de decisões voltadas ao meio ambiente. A quarta e o sexto participante tem objetivo de levar conhecimento às pessoas para influenciar em suas opiniões, com a esperança de que essas pessoas os repassem às outras. O quinto participante almeja usar seus conhecimentos técnicos na área de recursos hídricos.

De modo geral, constatou-se pela conjuntura das respostas obtidas nas perguntas relativas aos diferentes objetivos específicos, que os participantes não compreendem o meio ambiente reduzindo-o ao ambiente natural apenas, mas o concebem também como produto das relações entre o mesmo e a sociedade. Os entrevistados apresentaram senso crítico do ponto de vista sócio-econômico e sócio-político quanto à problemática ambiental, numa perspectiva que se aproxima do pensamento de Santos (2007) e Gadotti (2000), e não estão apenas preocupados em conquistar espaço no mercado de trabalho, querem além disso, contribuir com o meio ambiente através da profissão exercida. Eles também demonstram senso de compromisso por buscarem fazer a parte que lhes cabe a cada dia tentando influenciar outras pessoas agindo e compartilhando idéias. Entretanto, eles não consideraram as relações interpessoais do ponto de vista axiológico, as relações sociais foram reputadas concernentes à interação com o espaço físico e a cultura material da sociedade. A crítica social feita por cinco deles permaneceu no campo da economia e da política, somente um dos participantes considerou o comportamento das pessoas para além desses aspectos, e a idéia de influenciar o próximo por meio das ações restringiu-se ao modo de interagir com o meio ambiente, não o degradando ou poluindo. Estes aspectos são importantes, mas é preciso entender que os problemas sociais têm origem milenar, e nasceram das imperfeições morais humanas. O capitalismo, assim como a crise ambiental, são conseqüências desse atraso moral, e na população que constitui as massas, há pessoas com a mesma qualidade de caráter daquelas que representam os estadistas e a elite (considerados os maiores vilões da história). Precisa-se entender que a forma mais consistente de contribuir com o meio ambiente, além de atitudes ecológicas, é lutar contra as próprias imperfeições morais, pois é principalmente esse tipo de influência que se deve pretender exercer. Obviamente que não é fácil, porém, se o senso moral sobreviveu ao tempo e ainda se faz presente na sociedade atual, é porque sempre houve pessoas que confirmaram a existência deste através de um comportamento ético. Dos seis entrevistados apenas dois alimentam esperanças na mudança futura, o que é lamentável, posto que tentar influenciar os outros sem nutrir esperanças, não importa como seja feito, é uma atitude pouco substancial, mesmo porque essa falta de esperança se reflete nas próprias ações e contradiz as palavras daquele que pretendia incentivar um comportamento contrário à sua própria desesperança. Talvez se conceba a esperança como algo simplório, mas lembremos que em tempos remotos também seria ingênuo falar sobre algumas mudanças consolidadas na sociedade atual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Gestão ambiental do IFPE – Campus Recife contribui de forma significativa para a formação do sujeito ecológico, contudo, deveria ser mais enfatizado assuntos de cunho axiológico e tentar incutir nos

discentes, esperança na profissão que irão desempenhar, visto que a importância da formação profissional no contexto que trazemos, não se restringe à competência técnica, mas também no comportamento pessoal dos egressos e seu modo de interagir com a sociedade. O desenvolvimento da pesquisa contribuiu para compreender o tipo de influência que o curso exerce sobre os graduandos e a potencialidade do mesmo para formar sujeitos ecológicos, além de indigitar para um aspecto desta formação que merece maior atenção e reforço. Todavia, a pesquisa apenas esboça alguns aspectos sobre o potencial do curso como formador de sujeitos ecológicos, visto que a temática é muito rica, e essa formação encerra vários fatores. Portanto, faz-se necessário que se dê continuidade à pesquisa abordando outras vertentes atreladas à temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia**. 17.ed. Rio de Janeiro. Vozes. 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5.ed. São Paulo. Edições Loyola. 2010.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. 3.ed. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo. Cortez. 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. 8.ed. Rio de Janeiro. 2000.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 6.ed. São Paulo. Hucitec. 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo. Petrópolis. 2000.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. 2.ed. São Paulo. Cultrix. 1973.

LEFF, Henrique. **Racionalidade ambiental**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3.ed. Porto Alegre. Sulina. 2007.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. 1.ed. São Paulo. Centauro. 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. 130. Martin Claret. São Paulo. 2007. (Coleção Obra Prima de cada autor).

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**. 3.ed. São Paulo. Atlas. 1999.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e Ideologias**. Rio de Janeiro. Vozes. 2008.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7.ed. São Paulo. Edusp. 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço de uma teoria das emoções**. 500. Porto Alegre. L&PM Editores. 2009. (Coleção L&PM, pocket).